

Notícias de Guimarães

ANO 20.º N.º 1016

GUIMARÃES, 8 de Julho de 1951

Redacção e Adm., R. da Rainha, 56-2 Tel., 4313

Comp. e Imp., Tip. Ideal. Tel., 4381

VISADO PELA CENSURA

— AVENÇA —

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

A CRIANÇA OS PAÇOS DO CONCELHO O último Prior de S. Sebastião

O problema da infância tem apaixonado, desde longas eras, os cientistas e os literatos, mas ainda até há bem pouco o seu vasto campo era um mistério insondável, uma incógnita e a criança um *enigma vivo*, dado que quase completamente desconhecido o mundo infantil com todo o seu psiquismo, a sua vida anímica, as suas reacções e impenetrável também todo o seu mundo instintivo.

Assim Janet definiu a criança como *uma pessoa que se não conhece*.

Nos últimos decénios muito se tem escrito sobre a vida infantil, estudando-se sobretudo e a sério a psicologia da criança, as leis do seu desenvolvimento mental, as tendências, inclinações e gostos dominantes, em função da experiência e da técnica.

O impenetrável mundo infantil, todo o segredo do seu complexo anímico, o *enigma vivo* de que falamos começou a ser sondado em todas as facetas e a luz da experiência e da psico-técnica veio esclarecer o que era, até então, considerado insondável.

Muito se tem escrito também sobre a natureza da criança, o angelismo infantil.

Se para Rousseau a criança nasce naturalmente boa e só a sociedade a corrompe e a torna má, segundo Freud, Adler ou Stekel ela é levada naturalmente para o mal, para a crueldade, e só mais tarde vem a conhecer os sentimentos da bondade e do amor.

Qualquer destas — a rousseauiana ou a austríaca, do neurologista Freud e seus partidários, enferma, porque uma e outra são dum extremo inaceitável.

«A inocência da criança é analogicamente semelhante à da árvore ou do pássaro», diz-nos eloquentemente o autor da «Idade, Sexo e Tempo».

De facto, o problema foi posto na devida equação por Tristão de Ataíde ao afirmar que a criança não conhece ainda o pecado *próprio*, diz-nos a razão —, mas participa do pecado da espécie, informa a Fé, e está elevada, em potência, pela criação e em acto pelo baptismo à vida sobrenatural e à comunicação da graça santificante.

Não é a criança, pois, esse ser angélico, inocente de que os teóricos nos falam e os poetas cantam, tecendo-lhe *louvores ditirâmicos*, como afirma Gonçalves Viana.

O teórico não conhece a criança, porque no seu gabinete, isolado, na sua hermética torre de marfim não contacta com a petizada, não compartilha das suas alegrias, da graça esfuziante dos seus jogos, esquece as suas traquinices e rebeldias.

Com mais autoridade, portanto, se podem pronunciar os pais, os educadores.

Fora, salvo erro, Maria Amália Vaz de Carvalho quem afirmara que é um erro imaginar que a criança nasce boa — pois nela está ingênita já a maldade.

Gustavo Le Bon vai mais longe, preconizando que ela tem todos os defeitos dos primitivos, menos a sua força,

Não a podamos taxativa, rigorosamente de má, nem lhe tecemos, tão pouco, os louvores do teórico... que a vê à distância! Há que reconhecer, no complexo microcosmo infantil, o germe do bem e do mal, as boas e más tendências, pois que é *ambivalente*, como afirmam os psicólogos.

A criança é por natureza egoísta, impulsiva, rebelde, quase desordeira, inconstante e contraditória; é voluntariosa, quer sustentar as suas birras, os seus caprichos.

Compete, pois, ao educador orientar com paciência os seus defeitos, porque eles, bem canalizados, *podem constituir o alicerce de excelentes qualidades morais*.

A criança não é um anjo, de seráfica compostura, o ser ideal, quase beatífico de que os teóricos tecem panegíricos em primoroso e empolgante estilo.

A criança tem a tendência ingênita para o mal, hemos que reconhecer, e essas tendências têm de ser dominadas por uma educação contínua, uma previdente vigilância, a persuasão, o bom exemplo, que anima, fortifica e a estimula para o bem!

Prof. J. MARTINS LIMA.

Não ficará mal um aviso antes de continuarmos as considerações encetadas no último número. É bom que se saiba que ninguém se deitaria a afogar, nem iria para um convento, se aparecesse, enfim, o que continuamos a não acreditar, ao cabo de tantos anos de rancorosa ansiedade, durante os quais vários presidentes se sucederam em quem a inteligência e o bom senso sempre prevaleceram, algum que fosse insensível ao estigma, que mesmo além da morte o ferretearia, de assumir a tremenda responsabilidade de sancionar a prepotência revoltante da demolição almejada da obra dos Paços do Concelho.

Se outro interesse, que não fosse o único do progresso e bom nome da terra, nos movesse, se vás glórias de que nunca nos aproveitamos, nos não deixassem, particularmente, indiferentes, a demolição da obra até nos contentaria pelo muito que desse crime havia de resultar de exaltação para o valor e patriotismo daqueles que a tinham concebido e posto em execução, em contraste com quem nada mais teria podido ou sabido senão demoli-la. Ao passo que a sua continuação será a glória para os que a concluírem e o esqueci-

mento para quem a iniciou. É sempre assim, como ainda há pouco se verificou nesta terra, quando, ao terminar a primeira fase do abastecimento da água, se não fôra o alarme justiceiro que aqui lançamos, todos os aplausos e hossanas teriam ido, exclusivamente, para quem, por mero acaso, apenas contribuíra, aliás, com honrosíssimo interesse e diligente cuidado, para que não parasse nem afrouxasse o que recebera em marcha.

A demolição, pela execração pública que provocará contra os demolidores, se o nosso amor próprio superasse o votado a Guimarães, muito nos aproveitaria, porque ela haveria sempre de trazer à memória agradecida do povo da terra o nome daqueles que só cuidaram de construir e mais não fizeram porque a sua riqueza de carácter os impediu e impede de renegarem os seus princípios.

Podem, pois, demolir a cidade inteira; nós, particularmente, nada com isso temos a sofrer; quanto mais uns se rebaixam mais os restantes se engrandecem; e confiamos da justiça do povo vimaranesense que saberá marcar os que se afundam por não quererem ascender até ao nível daqueles que se mantêm coerentes e firmes na sua posição de sempre.

Entretanto, o nosso dever é continuar a luta; perdoe-se-nos o parêntese.

Todos sabem por que é que pararam as obras dos Paços do Concelho; os motivos são múltiplos; não os relembremos porque não é preciso; também se sabe a razão verdadeira pela qual, no momento presente, não é fácil obter para a sua continuação o auxílio do Estado. Pretende-se atribuir essa recusa a uma condenação do edifício, como obra de arte, pelo malgrado ministro Duarte Pacheco, que dela não teria gostado. Não deve ser certo. Esse ilustre homem público, que era, profissionalmente, distintíssimo engenheiro electro-técnico, não deve ter apreciado a obra dos Paços do Concelho e bairro adjacente sob o aspecto artístico; aliás, a sua opinião, que poderia influir, se aquele eminente homem de estado fosse reconhecido e apreciado como crítico de arte, junto, sobretudo, dos que, não tendo sensibilidade estética, só de ouvido se podem pronunciar,

Quando, para o número 6 de Maio último, escrevi o artigo «*Priores de Guimarães*», tinha encontrado o Rev.º Prior de S. Sebastião e, num pouco demorado cumprimento, logo lhe notei pronunciado abatimento físico, provocado pela doença que desde os últimos anos o ia enfraquecendo. Loage, porém, a suspeita de que a morte, muito de perto e de contínuo, se fosse apossando de quem, tão caritativamente etão abnegadamente, dera o seu sangue viril, forte e puro, para, por trinta e três vezes, em poucos anos, alimentar vidas que o necessitavam.

Depois, a notícia abrupta do agravamento da doença que o prostrara, presidindo à procissão paroquial do Jubileu do Ano Santo; as melhoras, lentas, sim, mas confiantes, para dias depois, plácida e adormecer no seu leito... nas mãos de Deus, assim o creio!

O último Prior de S. Sebastião, Comendador Padre Augusto José Borges de Sá, viveu, pode bem dizer-se, metade da sua vida, parodiando S. Sebastião — faleceu com 52 anos de idade e 25 anos e quatro meses de Pároco, nesta cidade.

Da sua vida e actividade, como *Cidadão*, como *Sacerdote* e como *Paróco*, di-lo a Comenda da Ordem de Benemerência que o Governo de Portugal concedeu ao *Homem* generoso e dum generosidade tamanha que comprometeu a própria vida...; da sua acção, zelo e competência como *Sacerdote* e como *Paróco*, disse-o, em sua vida, a paróquia de S. Sebastião e a cidade de Guimarães, sobremodo, significativamente, em 18 de Maio de 1947; mas o testemunho eloquentíssimo, verdadeiramente grandioso, afirma-o o funeral, a que, pelo tardio da hora a que soube da notícia do falecimento, não pude assistir, nem sequer nele me fazer representar, e perpetua-o, imorredoramente, a homenagem que a Junta de Freguesia de S. Sebastião promoveu e que hoje se iniciou com as solenes e imponentíssimas exéquias, na igreja da Venerável Ordem T. de S. Francisco, de colaboração com as Comissões que foram organizadas de entre os seus Amigos e admiradores das suas virtudes.

Amigo sincero e prestimoso; conselheiro prudente e leal; Pároco experimentado e bondoso, de grande carinho para com as suas crianças, os seus pobrezinhos, os infelizes, os doentes de alma e do corpo, o Comendador Padre Au-

gusto José Borges de Sá passou na nossa terra — que, pelo amor e trabalho e sacrifício que lhe devotou tantos anos, lhe quis como sua — fazendo o Bem.

Por isso se tornou credor da gratidão dos vimaraneses. Bem a merece o último Prior de S. Sebastião!

Certo (de outras póstumas manifestações feitas não tenho conhecimento de maiores a nenhum dos falecidos Priores de Guimarães) — são estas as homenagens mais expressivas pelo programa estabelecido; as mais significativas, sentidas, de uma saudade que permanece e se rememorará, anualmente, prestadas por Guimarães aos seus Priores, após a morte.

Porquê? Deixo em suspenso a pergunta. Mandaria a Verdade, exigiria a Justiça responder!

Mas o muito respeito pela sua memória; a grande consideração em que sempre o tive; a amizade agradecida que lhe voto e a enternecida saudosíssima lembrança eterna, comandam, nesta hora, o meu pensamento.

Que cada um, que ler a pergunta, meta mão na consciência; e haverá, assim, quem encontre, aí, a resposta que não dou...

O sentimento manifestado por Guimarães no dia do funeral; as orações, as lágrimas, o numerosíssimo acompanhamento até Cabeçudos, e a assistência às solenes exéquias impressionantes e grandiosas do 30.º dia, impõem-nos uns momentos de profunda reflexão, de recolhida meditação, e de uma prece fervorosa:

«*O piíssimo Jesus, ó Senhor, concede-lhe o repouso eterno.*»

(Da Secuência da Missa exequial).

Guimarães, 6-7-1951.

EUGÉNIO VAZ VIEIRA.

Remissão dum Pecado

*Mandaste-me dois cravos perfumados
Como as chagas do Cristo da Ternura.
Eu sei que por ti foram animados,
Por essas mãos de seda e de brancura.*

*Por teus dedos, eu sei, foram tocados,
Beijados por teus lábios de doçura...
Por teus olhos azuis foram perlados
De lágrimas de sonho e de ventura...*

*São dois cravos vermelhos de Jesus,
Que nasceram nos braços duma Cruz
E cresceram no sangue dum Calvário.*

*Ponho-os no peito, e junto ao coração,
Na ânsia do resgate e remissão
Do meu amor por ti perjuro e vário...*

Julho de 1951.

DELFINO DE GUIMARÃES.

AS FESTAS DA CIDADE

Conquanto não esteja ainda organizado em definitivo o cartel para a grande Corrida de Toiros das Festas da Cidade, sabe-se que na mesma vêm tomar parte alguns consagrados Artistas Nacionais e Estrangeiros. Entretanto, prosseguem activamente e com o maior entusiasmo os trabalhos da organização da Batalha de Flores, um número que vai marcar pela distinção, e da Marcha Gualteriana, famosa e inegalável.

A Procissão de S. Gualter, assim como os demais números do sensacional Programa Geral das Festas, serão outros tantos motivos de atracção para os forasteiros.

Dentro de poucos dias, por toda a próxima semana, será feita a afixação, pelo país, do



cartaz anunciador das Festas, não tardando, também, que o

O que os outros fazem

Embora sem comentários que possam irritar aqueles Vimaraneses que não dedicam à sua terra a devoção e o carinho de que ela se torna digna, por muitas e variadas circunstâncias, não resistimos à tentação de transcrever parte de umas oportunas e *estimulantes* considerações referentes à cidade de Viana do Castelo, e das quais nos deu conhecimento um apaixonado bairrista Vimaranesense.

Nessas considerações, o articulista menciona a actividade progressiva dos Vianenses e regozija-se com o facto de aquela cidade ter sido beneficiada nos últimos tempos, com melhoramentos de grande vulto. Como remate dessas considerações, conclui:

«Não! Não há que dizer mal dos vianenses. É certo que outras terras, menos indicadas e dotadas, possuem mais indústrias que Viana, mas não temos muito de que nos lamentar, como se vê. A cidade não é rica, e aqueles que se abalançam a empreendimentos, não são os mais ricos da cidade. Mas há que prestar justiça a esta gente, mesmo até por essa razão.

Citemos o caso da singular sociedade denominada «Empreendimentos de Viana»: um pequeno grupo de rapazes, funcionários públicos e bancários, um ou dois oficiais

do Exército, numa tarde de cavaqueira entusiástica num café da cidade, resolveram isto: deixar de fumar e com o dinheiro assim poupado, fundar uma sociedade por quotas, que se alargaria depois. Os novos sócios acudiram de todos os lados e em breve eram cem. O primeiro capital junto, uns vinte ou trinta contos, foi invertido numa quota da nova Praça de Touros. Logo a seguir, com dinheiro que entretanto foi entrando, os «Empreendimentos» adquiriram por cerca de 120 contos, um dos mais afamados e frequentados «bars» da cidade; e pago este, uma ideia mais larga anima agora os cem vianenses assim agrupados pelo amor à sua terra: comprar um velho restaurante, da cidade e dele fazer um moderno hotel; e ainda promover a construção dum moderno Estádio Náutico, na área do Aterro! Isto tudo com o dinheiro que se poupou por deixarem de fumar: cinquenta escudos por mês. O exemplo desse grupo atraiu outros e hoje a sociedade está em via de se alargar e de realizar coisas magníficas. Há elogio melhor a fazer ao bairrista dos vianenses? Crêmos que não. Se

PRESIDENTE DA CÂMARA

A fim de tratar de assuntos de interesse para Guimarães, esteve para Lisboa o ilustre Presidente da Câmara Municipal sr. dr. Augusto Ferreira da Cunha.

Visitando um Cemitério OS PAÇOS DO CONCELHO ROMARIA GRANDE DE S. TORCATO

Amar os animais é dilatar o sentimento humano. Mas já se tem visto este amor requintado até ao exagero.

Observemos:

Em Lisboa existe entre outras manifestações de sentido zoófilo, um cemitério para cães estimáveis.

Com efeito, o cão é o mais fiel amigo do homem. Nada admira, pois, que o homem queira retribuir esta dedicação.

Amor com amor se paga. Estará nos justos termos dessa reciprocidade esta dedicatória epigráfica que se lê na cabeceira tumular de um cão?

Ao meu Bibi;
Saudade da tua

Georgina Gonçalves.

Cãozinho de regaço seria este Bibi. Muitos afagos teria recebido da sua Georgina — tantos e tão querenciosos, de fazer ciúmes.

Vamos andando e vamos lendo:

A' humilde Rabicha,
Símbolo de Fidelidade.

Júlia Gouveia.

Esta inscrição lapidar se me revela equilibrada e justa. Procurando os Dominicanos criar um símbolo à sua fidelidade cristã, encontraram no cão essa representação. E escolheram bem.

Mais adiante, na série de epitáfios, ressalta este:

A' nossa querida Pegui, nossa inteligente e confiante companheira, com infinita saudade de seus donos.

Na verdade este animal ca-

nino, podia ter uma certa percepção das coisas.

Com a inteligente «Pegui» os seus donos *conversariam*.

Dai a sua «infinita saudade». A transcendência do «infinito» requeria, talvez, outro ser — um ser racional. Mas, adiante.

Agora deparo com uma lousa onde se engasta um retrato. E' o retrato da morta. A morta foi... uma cadelinha.

Diz assim a legenda sepulcral:

Zaza

Querida companheira de 11 anos.

Para fechar, colho entre dezenas de campas e jazigos, esta poesia sentimental, expressa em lápide mortuária:

Mimosa

Que máguia a nossa de tão cedo te perdemos!
Tão curta vida, para tão grande amizade!

Tão curta vida a ventura de te termos!
Tão curta vida para tamanha saudade!

Eterna saudade de teus donos.

Resta saber se deitaram luto. Coitados dos que sofrem! Exceptuando o Bibi (talvez corrupção de Bóbi) tudo mais são cadelinhas.

Feminismo este, muito... doentio.

Prefiro — se me é lícito confessá-lo —, o outro, que corresponde ao meu integral e perfeito sentido humano.

Quinta das Aves

A. L. DE CARVALHO.

Saudade

Quando a gente

Se habitua

A' luz de uns olhos claros,

O resto

Que fica em volta,

E' tristeza de alma nua.

E', meu coração

Tudo escurecido.

Quando a gente

Está pertinho

Do sorriso que é leal,

O resto

Que fica em volta

E' pobrezinho.

E' mundo vazio de cor

E' já com dor.

Quando a gente

Tem a ternura

De um afecto real,

O resto

Que fica em volta

Não tem doçura.

Labareda de ansiedade

E' o que se chama saudade!

Aurora Jardim.

EMBAIXADOR DE PORTUGAL NO BRASIL

Por via aérea, regressou, há dias, de Lisboa ao Rio de Janeiro, o ilustre Embaixador de Portugal no Brasil e nosso Conterrâneo, senhor Doutor António de Faria.

BENEFICÊNCIA DO "NOTÍCIAS"

Transporte . . .	57.735\$00
Recebemos mais:	
Anónimo, para os necessitados em favor dos quais lançamos o nosso apelo	15\$00
Anónimo, idem	20\$00
M. A.	20\$00
Família de D. Maria de Belém Teixeira Carneiro, sufragando a sua alma	100\$00
A transportar . . .	57.890\$00

PROPRICIDADE Vende-se, no lugar da Cruz d'Argôla, de muito rendimento, com fruta e vinho. Tratar no mesmo lugar com António Leite, 315

tinha, é certo, que ser respeitada dentro dos limites razoáveis em que todos são livres para julgar uma obra de arte, mas não obrigava nem obriga a ninguém. O que deve ter acontecido é ter sido vítima de uma capciosa e insidiosa informação e, sem tempo nem disposição para um atento exame do assunto, ter dado a preferência na concessão das participações do Estado, a outras obras que melhor o satisfiziam na sua orientação ou predilecção realizadora.

Fosse como fosse, para a questão da obra dos Paços do Concelho, a falta de auxílio do Estado só uma consequência pode ter: a de o município haver de suportar, pelos seus próprios meios e até onde eles puderem chegar, as despesas da construção. Mais nada.

Quanto ao resto, dentro da seriedade e do bom senso administrativo, uma só coisa, de duas, há a decidir: ou continuar a obra, mais ou menos lentamente, conforme os recursos financeiros do município o permitam, ou preferir que ela continue suspensa até que se limpe a atmosfera péssima que contra ela existe em certos meios cuja boa vontade seria preciosa para fomentar uma rápida e tão necessária conclusão do edificio.

Temos sustentado a opinião de que a primeira solução se impõe; mas não podemos negar em absoluto que, ainda dentro da seriedade e, possi-

Impressões e Comentários

Meu caro amigo

Desculpa o meu silêncio, mas o tempo nem sempre me chega para tudo. Felizmente, pertenço ao número daqueles para quem o trabalho é honra e proveito.

A ociosidade nunca encontrou em mim aquela *pousada* que encontra em muitos outros, não obstante alguns desses terem necessidade de trabalhar para não viverem de certos expedientes que os conduzem à própria degradação moral.

A luta pela vida, com as suas mil e uma variantes, não desprestigia ninguém; pelo contrário, dignifica e glorifica quem sabe vencer, com persistência e com resignação, todos os obstáculos que apareçam em qualquer emergência da mesma.

Porém, os ociosos pensam de forma diferente, isto é, entendem que o trabalho apenas foi instituído para os escravos e, por isso, detestam-no ou odeiam-no.

Se fosse tarefa fácil fazer-se a estatística dos que assim pensam e assim procedem, ela apresentaria, com certeza, uma percentagem muito elevada. Como vês, meu amigo, a virtude do trabalho torna-se digna pelo seu exemplo e, ao mesmo tempo, coloca em lugar honroso quem a pratica, o que, aliás, não sucede aos que a repudiam e que, em face disso, se tornam seres abjectos no seio da sociedade. Isto, evidentemente, não tem em vista referência especial à minha pessoa, mas sim a todos quantos preferem a honestidade de viverem à custa do suor do seu rosto e não à custa de vergonhosos e vexatórios truques, que muitas vezes têm o seu triste epílogo no ambiente de uma cadeia!

E para hoje, foi o que se pôde arranjar. Abraça-te o teu amigo dedicado.

A.

velmente, embora a custo, do bom senso, a segunda, a de aguardar melhores dias, também não possa ser adoptada, contanto que se limpe e regularize o terreno da praça, porque esse mínimo é um simples assunto de higiene e decência.

O que se torna, porém, criminoso e, como tal, inaceitável e revoltante é a comédia que se esboça para se arrazar uma obra em que já se gastaram, legalissimamente e com o aplauso unânime da cidade e geral do concelho, uns bons milhares de contos. Isso é que não pode ser.

Não é quando uma obra está em meio ou mesmo simplesmente iniciada que se organizam comissões de membros escolhidos adrede às quais se submetam os respectivos projectos para serem rejeitados. Então haja a coragem de, sem hipocrisias ridículas e atentórias do respeito que é devido aos munícipes, se lhes atirar, com inteiro desprezo pelo seu inevitável assombro e estupefacção, com a decisão franca e descarada da demolição.

Antes de começar uma obra é que as comissões se nomeiam, é que os projectos se estudam, é que as decisões se tomam. Depois da construção iniciada já nada há mais que resolver senão sobre os meios de a concluir depressa e o melhor possível, aperfeiçoando-a, porventura, no que, no decorrer da construção, se deparar como susceptível de ser melhorado.

Pelo que respeita ao edificio cuja construção se iniciou e já bastante se adiantou dentro do regime político actual, cumpriram-se, previamente, todas as determinações legais e regulamentares. Organizaram-se as bases de um concurso a que vieram os architectos que quiseram, tendo sido nomeada para apreciar os projectos apresentados, que foram vários e todos de um grande valor artístico, uma comissão de vogais de reconhecida competência, da qual nos lembra ter feito parte o professor Coelho Pinto, J. Ribeiro de Freitas, artista de grande mérito, José Pina, Abel Cardoso, o architecto Peres, do Porto, e o também notável architecto Alexandre Soares, professor da Escola de Belas Artes de Lisboa. O projecto que depois se soube ser de Marques da Silva logo se impôs pela sua grande beleza e felicidade de inspiração. Foi o preferido. A Câmara deliberou executá-lo; criou receita especial para auxiliar o seu custeio; iniciou a sua construção que se prolongou por vários anos e na qual se gastou muito dinheiro; outras vereações se sucederam da política do actual regime, que continuaram a construção.

Então, agora, é que se nomeiam novas comissões para se saber se o edificio deve ou não ser construído? Então para que serviu a comissão que apreciou os projectos? Que competência têm as comissões actuais para substituir e superar a comissão competenteíssima que deu, legalmente, o seu veredicto?

Em assuntos desta natureza, que respeitam ao interesse e às finanças de um concelho inteiro, não podem admitir-se caprichos ou perrices perfeitamente infantis, para se não empregar o qualificativo próprio, mais severo mas justo.

Se tal precedente se estabelecesse, nada nos admiraria que, dentro de alguns anos, ou meses, quando estivesse em construção, para substituir o actual, um outro edificio, com tais *modernos* que são *arrojados e espaçosos*, ou-

A Romaria Grande de S. Torcato decorreu este ano com brilhantismo superior aos dos anos transactos e registou, segundo nos pareceu, concorrência de forasteiros também bastante maior, o que pôde avaliar-se pelo movimento de automóveis e camionetas e ainda dos combóios em serviço especial.

Mercê de um bom conjunto de esforços e bem assim da prestimosa coaboração de um grupo de novos e entusiastas do progresso de S. Torcato e da sua Romaria Grande, os quais são bem dignos de todos os louvores, a festa do ano presente deixou boa impressão e marcará, estamos disso certos, como o início de uma era nova para a mesma festividade que foi justamente considerada, em tempos afastados, como uma das maiores do país.

Foram revestidos de muita imponência os actos religiosos que concluíram com uma majestosa Procissão, tendo-se exibido os tradicionais carros com os coros, cuja letra do distinto poeta T. Mendes Simões agradeu imenso.

Os arraiais estiveram animados, satisfazendo os concertos musicais, os fogos de artifício e as iluminações.

O serviço de policiamento e de regularização de trânsito também foram dignos de louvor.

O rendimento das esmolas oferecidas pelos devotos ao milagroso S. Torcato nos dois dias da Romaria Grande, foi, este ano, muito superior ao do ano findo e anteriores, ultrapassando o do último ano em uns *dezassete mil escudos*, o que é bastante considerável.

O rendimento em dinheiro, incluindo o valor de 6 e meia libras em ouro e 30 gramas do mesmo metal, foi de escs. 56.371\$00, independentemente de grande quantidade de cera, azeite, cereal, etc..

Este ano registaram-se menos roubos, mas ainda assim foram notados alguns cadastros e detidos imediatamente.

A Guarda Nacional Republi-

tros vereadores, a quem o modernismo não agradasse, nomeassem nova comissão de estética para o atirar abaixo. E assim sucessivamente, porque os gostos variam e os homens da administração fatalmente se revezam. Nunca mais se acabaria um edificio para os Paços do Concelho. Isto não é sério!

Como sério não é, igualmente, pretender-se justificar a demolição do edificio com o facto de que ele virá a dificultar que se veja, de determinado ponto da praça onde se levanta, o casarão dos Paços dos Duques de Bragança. Quando se resolveu assentar sobre as ruínas destes paços a construção monstruosa que de tantos pontos da cidade pode perfeitamente ser admirada, já os novos Paços do Concelho se encontravam em construção no lugar que lhes foi destinado. E a verdade é que, mesmo depois de concluídos estes, ainda o dos duques continuará a ser visível da mesma praça e de toda a parte donde o é actualmente, com a circunstância apreciável do conjunto e contraste dos dois edificios tornar o panorama mais interessante.

Isto vai longo; o assunto é inexgotável. Mas basta, por agora, pedir juízo, e respeito pelo dinheiro dos contribuintes, que não deve ser desbaratado para satisfação de obs- tinações injustificáveis.

cana, que permaneceu no local da romaria sob a direcção do Comandante sr. Alferes Morgado, prestou admirável serviço, quer na repressão dos larápios quer no estabelecimento da ordem, pois também se não verificaram desordens.

Na estrada de S. Torcato-Gonça a fourgonete n.º I A 16-10, guiada por Francisco Fernandes Pinto, da freguesia de Arosa, embateu com o ciclista Júlio da Cunha, casado, proprietário de uma barbearia de Fafe, causando-lhe fractura do braço esquerdo e uma equimose no órgão visual esquerdo, tendo de recolher ao Hospital da Misericórdia.

Um piquete de Bombeiros Voluntários, sob o comando do patrão Ferreira da Cunha, também prestou no decorrer da Romaria óptimos serviços.

Imponentes Exéquias

por Alma

do Rev. Comendador

AUGUSTO J. BORGES DE SÁ

Na sexta-feira e no amplo templo da V. O. T. de S. Francisco, que se via repleto de pessoas de todas as camadas sociais, desde as mais humildes até às de mais elevada condição, celebrou-se um serviço fúnebre em comemoração do 30.º dia do funeral do senhor Prior de S. Sebastião.

Os officios tiveram começo às 10 horas, com a assistência de muitos sacerdotes, todas as instituições beneficentes da cidade e diversas corporações religiosas e civis, colégios e escolas, escutas, bombeiros, etc., vendo-se em lugares reservados a Câmara e demais autoridades locais e outras pessoas de representação no meio.

Presidiu aos actos, tendo cantado a Missa de *Requiem* o Rev. Luís Gonzaga da Fonseca, digno Prior de S. Paio, acolitado pelos revs. P.ºs Avelino Borda e António Alberto Ribeiro e no coro fez-se ouvir, sob a regência do Rev. Padre Monteiro, de S. Miguel das Caldas, um excelente grupo coral de Vizela, com acompanhamento de orquestra.

O templo ostentava uma decoração de panejamentos negros, com muitos lustres, das casas Eugénio & Novais e João Augusto Passos, as quais colaboraram gratuitamente nesta homenagem.

Na capela-mor via-se um elegante catafalco, encimado pelas insígnias sacerdotais.

No principio e no final das cerimónias os sinos dobraram a finados.

Nos estabelecimentos onde foi aberta a subscrição para as homenagens a prestar ao Rev. Comendador Augusto Borges de Sá, registaram-se mais os seguintes donativos:

Transporte, 6.885\$00; Manuel de Freitas Guimarães, 500\$00; Casimiro Martins Fernandes, 200\$00; João António Sampaio, 200\$00; José Fernandes, 200\$00; D. Carolina Teixeira Pereira, de Lisboa, 100\$00; D. Laurinda Ramos Martins Fernandes, 100\$00; Salustiano Abreu Lopes, 50\$00; Alberto da Cunha e Castro, 50\$00; Manuel Martins Fernandes & C.ª, 50\$00; José Gilberto Pereira, 100\$00; Manuel Pereira Mendes, 50\$00; Armando Umberto Gonçalves, 100\$00; Cap. Francisco Martins Fernandes, 50\$00; Julião Carneiro da Silva, 50\$00; António Vaz Vieira, 50\$00; Manuel da Silva Sampaio, 20\$00; Augusto Ribeiro da Silva, 20\$00; Francisco Correia Lopes, 20\$00; Dr. José Francisco dos Santos, do Porto, 50\$00; António Alves Ribeiro Gomes de Abreu, 50\$00; José Mendes Ribeiro, 100\$00; Carlos Gonçalves da Silva, 20\$00; Alia Beato Nuno Alvares Pereira, 20\$00; Anónima, 50\$00; Eduardo Eugénio, 20\$00; Manuel C. Martins, 50\$00; Eduardo Lemos Mota, 50\$00; Dr. Sebastião Lobo Cardoso de Meneses, 100\$00; José da Silva Palmeira, 50\$00; José Maria Leite, 50\$00; Dias & Carvalho, 50\$00. *A transportar*, 9.555\$00.

Sempre que V. Ex.ª precise de

trabalhos tipográficos, o tele-

fone da TIPOGRAFIA IDEAL

é o 4381.

Anunciar no NOTÍCIAS DE GUIMARÃES

O FOGO DESTRUIU uma grande parte do SEMINÁRIO DA COSTA

Na madrugada de ontem, eram aproximadamente 4 horas e meia, manifestou-se com enorme fúria um incêndio no Seminário da Costa, onde habitam há bastantes anos os Padres da Companhia de Jesus.

Foi o Padre João Mendes, Professor do mesmo Seminário da Provação, quem deu pelo sinistro e imediatamente gritou dando o alarme. Foram

capela da comunidade, conseguiu salvar-se a artística **Varanda de Frei Jerônimo**.

Perderam-se verdadeiras preciosidades — paramentos ricos e livros de valor entre os 6.000 volumes que o fogo devorou, obras de literatura e espiritualidade.

O teto da ala que ardeu, desapareceu completamente em poucos minutos.

No Seminário da Costa resi-

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fizeram e fazem anos :

No dia 9, a sr.^a D. **Lúcia Alves de Abreu Ferreira**, esposa do nosso amigo sr. **Manuel José Ferreira Júnior**; no dia 10, a sr.^a D. **Rosa de Jesus Gonçalves Guimarães** e o menino **Antero Rodrigues de Freitas**, nosso simpático amiguinho, e **Madame Jeanne Albertine Souchois Felgueiras**, esposa do ilustre Advogado e nosso prezado amigo sr. dr. **Mariano Felgueiras**; no dia 11, a sr.^a D. **Maria Adélia Vilaça Ferreira**, gentil filha do nosso prezado amigo sr. **Manuel Artur Gonçalves Ferreira**, residente no Porto e o nosso amigo sr. **Domingos da Cunha Vinagre, de Covas**; no dia 12, o nosso amigo sr. **José Francisco da Silva** e a sr.^a D. **Hermínia Esméa de Carvalho de Melo**; no dia 13, o nosso amigo e solícito correspondente em Vizela sr. **José Luís d'Almeida**; no dia 14, os nossos prezados amigos srs. dr. **Adelino Ribeiro Jorge**, **Antônio Pimenta Júnior** e **Luis Pimenta**; no dia 15, as sr.^{as} D. **Rosa Machado Sousa Guise**, esposa do nosso querido amigo sr. **João Pedro de Sousa Guise**, ausente no Rio de Janeiro, e **D. Beatriz das Dores Carvalho da Costa** e os nossos prezados amigos srs. **Domingos Mendes Fernandes**, **José da Silva Lima** e **Eng. Antônio José Carneiro de Quadros Flores**; a sr.^a D. **Beatriz da Costa Carvalho**, filha do nosso amigo sr. **Manuel Pinto de Carvalho** e o menino **Francisco António**, filho do nosso bom amigo sr. **Altino da Cunha Guimarães**.

«Notícias de Guimarães» apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

No dia 13, completa um ano de existência a menina **Carmen Fernanda Ferreira Barbosa de Oliveira**, filha da sr.^a D. **Carmen Fernanda Ferreira de Oliveira** e do nosso bom amigo sr. **João de Freitas Barbosa de Oliveira**. Muitos parabéns.

Partidas e chegadas

D. Domingos Gonçalves — Encontra-se nesta cidade de visita a sua família, o venerando Bispo Coadjutor da Guarda e nosso ilustre conterrâneo sr. **D. Domingos da Silva Gonçalves**.

Com suas famílias partiram para a Póvoa de Varzim, os nossos bons amigos srs. **José Maria Felix Pereira**, **Francisco Ramos Martins Fernandes** e **Antônio Francisco Ribeiro**.

— Esteve nesta cidade de visita a seus pais o sr. dr. **Ricardo Mondina de Amorim**, médico veterinário no Porto.

— Esteve nesta cidade o nosso bom amigo sr. dr. **Gaspar Gomes Alves**, Chefe da Secretaria da Câmara de Vila da Feira.

— Com suas esposas partiram para França, em viagem de recreio, os nossos prezados amigos srs. **José Faria Martins**, **Alfredo Faria Martins** e **José Pinto de Almeida**.

— Com suas esposas regressaram da Curia os nossos prezados amigos srs. dr. **Antônio de Jesus Gonçalves** e **Comendador Alberto Pimenta Machado**.

— Regressou de Lisboa o nosso prezado amigo sr. **Eng.º Alberto Costa**, Vice-Presidente da Câmara Municipal.

— Partiram com suas famílias para a Póvoa de Varzim os nossos prezados amigos srs. **Raúl Rocha** e **Eng.º Helder Lemos Rocha**.

— Cumprimentamos nesta cidade o nosso prezado amigo e antigo Chefe da estação do Caminho de ferro, sr. **David dos Santos Oliveira**, que já se encontra restabelecido dos seus incomodos.

— Com sua esposa regressou de Vidago o nosso querido amigo sr. **Arnaldo de Sousa Guise**.

— Com sua família encontra-se a uso de águas no Gerez, o nosso prezado amigo sr. **Joaquim de Almeida Guimarães**, industrial, de Creixomil.

— Partiu para Caldas, com sua esposa, o nosso prezado amigo sr. **Antônio Ribeiro da Silva Xavier**.

— Regressou, de Itália, a sr.^a D. **Emília Ciampelle Teixeira d'Aguiar**.

— Com sua família, encontra-se a veranejar na sua casa de campo em S. Cláudio do Barco, o nosso prezado amigo sr. dr. **José da Conceição Gonçalves**.

— Encontra-se na Póvoa de Varzim a família do nosso prezado amigo sr. **João Xavier de Carvalho**.

Pedidos de casamento

Foi pedida no pretérito domingo em casamento a gentil vimaranense

sr.^a **D. Ripeçímia Matos Laranjeiro**, filha da sr.^a **D. Emília Cândida de Carvalho Matos Laranjeiro** e do sr. **Camilo Laranjeiro dos Reis**, antigo e muito conceituado comerciante da nossa Praça, para o sr. **Armando Machado da Silva**, tesoureiro da Agência do Banco de Portugal em Guimarães, filho da sr.^a **D. Maria da Conceição Machado da Silva** e do sr. **Armando de Jesus e Silva**, de Beja.

O auspicioso enlace deve realizar-se dentro em breve.

Aos noivos ambicionamos as maiores venturas.

— Foi pedida em casamento pelo sr. **Antônio Ribeiro Machado**, proprietário em Caniços, a mão da gentil menina **Maria Amélia de Lima Vieira**, filha do sr. **Eduardo da Costa Vieira**, proprietário e de **D. Deolinda de Lima**, para o sr. **Abílio Fernandes Novais**, filho do sr. **Júlio Fernandes Novais** e de **D. Laurinda Antunes Novais**.

O auspicioso enlace realiza-se brevemente.

Casamento

No dia 24 de Junho passado, realizou-se no Santuário Eucarístico da Penha, o casamento da sr.^a **D. Emília das Mercês da Costa Faria**, gentil filha da sr.^a **D. Antónia dos Anjos da Costa Faria** e do sr. **Avelino Faria Guimarães**, com o sr. **Carlos Rogério Teixeira Alves**, filho da sr.^a **D. Maria Celeste Teixeira Alves** e do sr. **José Teixeira Alves**, proprietário em Celorico de Basto.

Testemunharam o acto por parte da noiva, a sr.^a **D. Emília Meira Nogueira** e o pai da Noiva, sr. **Avelino Faria Guimarães**, e por parte do noivo, seus pais.

A seguir foi servido na Pensão da Montanha, um lauto almoço a que assistiram a família dos noivos e os convidados.

Desejamos aos noivos as maiores felicidades.

Nascimentos

Em casa de seus pais nasceu uma criança do sexo masculino, filha da sr.^a **D. Maria Aurora Soares Ribeiro Carneiro** e do sr. **Abílio Alfredo de Almeida Carneiro**.

Mãe e filha estão bem. Parabéns.

— Deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.^a **D. Maria Judit Lemos Macedo Vieira de Andrade**, esposa do nosso amigo sr. **Gil Mesquita Vieira de Andrade**.

Mãe e filha estão bem. Os nossos parabéns.

Doentes

Doente no Brasil — Por notícias recebidas sabemos que entrou em vias de franco restabelecimento, encontrando-se em Copacabana, a sr.^a **D. Rosa Machado de Sousa Guise**, dedicada esposa do nosso querido amigo sr. **João Pedro de Sousa Guise**, que no mês passado sofreu uma melindrosa operação.

Congratulamo-nos por saber que as suas melhoras têm sido muito sensíveis.

Dr. Francisco de Melo — Em S. Pedro de Raimonda tem passado doente o nosso querido amigo rev. dr. **Francisco de Melo**, a quem desejamos rápidas melhoras.

Falec. e Sufrágios

Domingos Duarte

Vitimado por um colapso cardíaco, finou-se na terça-feira última, o nosso prezado amigo sr. **Domingos Duarte**, de 64 anos de idade, marido da sr.^a **D. Antónia Teixeira Mendes Duarte**, concessionária do Hotel da Penha e antiga proprietária da Pensão Império, desta cidade, e cunhado das sr.^{as} **D. Julieta Teixeira Mendes Esteves** e **D. Amélia T. Mendes Figueiredo**, ausente no Rio de Janeiro.

O extinto era muito estimado no meio vimaranense e possuía belos prediamentos, tendo sido a sua morte muito sentida.

O seu funeral efectuou-se na quarta-feira às 11 horas no templo de S. Francisco, com numerosa e selecta assistência, entre a qual se viam instituições beneficentes de Guimarães, corporações religiosas e muitos amigos do extinto e da família dorida.

O cadáver estava encerrado em luxuoso ataúde de veludo e coberto por muitos ramos e bouquets de lindas flores com sentidas dedicatórias.

Após a missa do corpo presente e o ofício de sepultura organizou-se o préstito que acompanhou o cadáver ao cemitério de Atougua, tendo tomado parte muitos automóveis que conduziam pessoas das relações do saudoso extinto.

Organizaram-se alguns turnos pegando às borlas os srs.:

Capitão Manuel Rebelo da Cruz, **Sebastião Teixeira de Aguiar**, **Avelino Ferreira Meireles**, **Augusto Magalhães**, **Telmo Amorim**, **Tomás Esteves**, **Domingos Alves Ferreira**, **Dr. Adelino Ribeiro Jorge**, **Alberto Costa**, **José do Pinho Soares**, **Gualdino Pereira**, **Francisco Pereira da Silva Quintas**, **Pedro Fernandes**, **Dr. Augusto Ferreira da Cunha**, **Eng. Alberto Costa Guimarães**, **Dr. Mariano da Rocha Felgueiras**, **Antônio de Sousa Lima**, **Antonino**

Dias Pinto de Castro e **Henrique Correia Gomes**.

Fechou o caixão o sr. **Dr. Carlos Saraiva** e dirigiu o funeral o sr. **Luis Filipe Coelho**, que representava também o professor sr. **Luis Gonzaga Pereira**.

A missa do 7.º dia celebra-se amanhã, às 8,30 horas, na Basilica de S. Pedro.

A toda a família dorida, dum modo especial à desolada viúva, apresentamos sentidas condolências.

Manuel da Costa (electricista)

Na sua residência na freguesia de Santo Estevão de Urgezes, finou-se inesperadamente na quinta-feira o sr. **Manuel da Costa**, de 60 anos, casado com a sr.^a **D. Belmira Rosa Nogueira da Costa**, pai das sr.^{as} **D. Felicidade**, **D. Ana** e **D. Zulmira Nogueira da Costa** e dos srs. **Antônio** e **Camilo Nogueira da Costa**, e sogro das sr.^{as} **D. Benedita Soares da Costa** e **D. Francêlina Fernandes da Costa** e do sr. **Antônio de Abreu**.

O extinto, muito estimado pelo seu carácter e dotes de trabalho, foi durante 35 anos exemplar funcionário da fábrica de F. e T. do Castanheiro, onde era geralmente estimado.

O seu funeral, que esteve concorridíssimo efectuou-se ante-ontem ao fim da tarde, da sua residência para o cemitério paroquial, tendo sido rezados os responsos na respectiva igreja da freguesia.

A toda a família dorida apresentamos condolências.

De luto

Pelo falecimento de um seu irmão ocorrido na Foz do Douro, guarda luto o nosso prezado amigo sr. **Manuel Fernandes de Oliveira** e **Castro**, hábil contabilista a quem apresentamos as nossas condolências.

Vida Católica

Santo António da Arcela

Encontrando-se arruinada a ermida de Santo António da Arcela que todos os domingos e festas de guarda, sob grande risco, acolhe centenas de fiéis, que ali, de pé, amalgamados como sardinha na canastra, vão cumprir o preceito e render culto ao Hóspede querido, que, dia e noite, por todos vels, ansiando amorosa correspondência, os signatários desta — convictos de que serão nobilissimamente acolhidos e que a sua iniciativa e a indescritível generosidade moral e material, sem medida, de todos os cristianíssimos arcelinos, será o eco amoroso que melhor corresponda aos infinitos anseios do divino Amigo, — vem solicitar um óbulozinho que permita o restauro *inadivél* dessa ermidazinha, em que toda a cidade, com suas autoridades e classes representativas, pode participar, em preito de devida e honrosa homenagem, de justificado e inexcédível baírrismo, porque é Santo António da Arcela de Guimarães.

E', porém, aos arcelinos, fragmentos da Oliveira, Azurey, Costa e S. Romão, que compete corresponder com redobrada generosidade, que afaste de si a ameaça de verem, com grande desgosto, encerrada tão útil capelinha, ao culto, que ali, particularmente para velhinhos, mulheres e crianças, comodamente, todos podemos e devemos tributar a Deus.

Que estes pequenos fragmentos, constituindo um grande aglomerado populacional, compreendendo dois sectores, separados entre si por uma artéria que partindo da Cruz d'Argola se estende até ao Campo do Salvador, à compita e com santo entusiasmo, corresponda, carinhosamente e com alimentada generosidade, certo que Santo António de Lisboa, honrado na sua capelinha da Arcela, não se deixará ultrapassar em prodigalidades, alcançando-lhes, do Divino Amigo, as graças espirituais e materiais necessárias à sua cristã manutenção.

Que todos, pois, contribuam, na medida do possível, com os seus donativos em dinheiro, materiais, carretos, mão de obra e dádivas de qualquer espécie e o façam por intermédio das comissões aprovadas, para esse efeito, as quais, hoje mesmo, pelas nove horas, iniciarão os seus trabalhos de recolha.

Desde já e por este meio e antegozando o modo delicado, gentilíssimo e generoso como serão acolhidos por todos, se subscrevem com penhor e gratidão.

Guimarães, 8 de Julho de 1951.

Carlos Teixeira, Américo Gouveia Ramos, Raimundo Fernandes, José Machado, Alberto Fernandes, Manuel Machado, José Martins, Joaquim de Freitas, Francisco Vieira, António Meira e Joaquim Moreira de Castro.

Diversas Notícias

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Dias Machado, à Rua da Rainha

Conclusão de Curso do Conservatório

No Conservatório de Música do

Porto, concluiu o curso de pianista a gentil vimaranense sr.^a **D. Maria Margarida Felgueiras Coelho**, filha do nosso prezado amigo sr. **Gaspar Gonçalves Coelho** e da sr.^a **Margarida do Carmo Felgueiras Coelho**.

Muitos parabéns.

Cortejo dos Santos Populares

No grande cortejo dos Santos Populares, realizado no passado dia 30, em Lisboa, em benefício do Socorro Social, e no qual tomaram parte Ranchos Folclóricos de todo o país, a cidade de Guimarães enviou àquele cortejo a sua «Festa de Guimarães» que durante o longo percurso do mesmo foi delirantemente aplaudido.

Concurso de Pesca Desportiva

Com elevado número de concorrentes desta cidade, Braga e Taipas, realizou-se no passado dia 1 do corrente, no meio da maior animação, o primeiro concurso de pesca desportiva do Rio Ave, (S. Cláudio), ficando no final apurados os seguintes resultados:

Práticos — 1.º prémios, respeitante a quantidade e peso, ao sr. **Manuel Fernandes Santos**.

Iniciados — 1.º prémios, respeitante a quantidade e peso, ao sr. **Miguel Alberto Vaz Ferreira**.

No final da prova foi servido um almoço a todos os concorrentes, que decorreu no meio da mais franca camaradagem desportiva, no qual usaram da palavra representantes de Braga, Taipas e Guimarães, tendo sido proposto pelo sr. **Francisco Martins da Costa** e **Silva**, que o segundo concurso se realize no próximo dia 29 do corrente nas Caldas Taipas, a favor dos Bombeiros Voluntários dessa Vila, o qual foi aprovado por unanimidade.

Uma Novidade!

INMOVIX é o único baton que está obtendo o maior sucesso em todo o mundo, em virtude de conservar o seu brilho e fixidez.

Usando **INMOVIX** não precisará de retocar, constantemente, os seus lábios.

A' venda na

516

Farmácia Nobel

Guimarães

AGRADECIMENTO

Os pais das meninas **Maria Manuela Fernandes Miranda** e **Amélia Fernandes Miranda**, na intenção de testemunharem o seu reconhecimento pelo carinho e zelo com que as dignas mães **Professoras e Ex.^{ma} madre Superior do Colégio do Sagrado Coração de Maria — Vila Pouca**, orientaram suas filhinhas nos passos vacilantes da aprendizagem escolar, servem-se deste meio para provarem a sua gratidão, desejando-lhes a melhor saúde, aliada às mais nutritivas felicidades.

Domingos Miranda.

Maria da Conceição Fernandes Miranda.

NÃO PINTE O SEU CABELO: faça-o regressar pouco a pouco com a LOÇÃO DE COLÓNIA à sua cor natural

«MIN-HOR»

///

511

Farmácia «Hórus» — Guimarães

Máquinas de costura

«HUSQVARNA»

a melhor garantia

Motores VAP

para bicicletas

Moto-Bombas

para regas

PULVERIZADORES

Prensas

Alfaias agrícolas

AOS MELHORES PREÇOS

L. NUNES PINTO

À FEIRA DO PÃO



Igreja e Mosteiro de Santa Marinha da Costa

pedidos socorros e entretanto os inquilinos do grande prédio que ardia já, em uma ala inteira, na extensão de 60 metros, salvaram-se, alguns — os noviços que habitavam aquela ala — com bastante custo. Um deles — **Benjamim de Oliveira** — precipitou-se de considerável altura e feriu-se, tendo de recolher ao Hospital.

Os bombeiros compareceram com brevidade, em grande número e com todo o indispensável material, comparecendo também a **G. N. R.** e a **P. S. P.**, assim como muitos populares que prestaram bons serviços no salvamento dos haveres.

O ataque ao fogo foi rapidamente montado e mercê dos excelentes esforços dos Bombeiros e da tática adoptada conseguiu evitar-se que as chamas se comunicassem ao resto do edifício — antigo Mosteiro de Santa Marinha da Costa e à sua Igreja.

Da ala que o incêndio destruiu — começando por altura da alfaiataria e comunicando aos dormitórios dos noviços, salas de aulas, quartos de alguns padres, bibliotecas e

ATLETISMO

O Vitória, mercê da boa-vontade dos seus dirigentes e da persistência de alguns dos seus praticantes de atletismo, fez-se representar nos campeonatos nacionais desta modalidade, realizados em Lisboa, e há que reconhecer que em boa hora o fez, pois os seus representantes, apesar de pouco numerosos, tiveram comportamento notável, tendo conquistado para o Clube classificação muito honrosa.

Feito este pequeno apontamento, aqui deixamos a promessa de que no próximo número o nosso ilustre Colaborador sr. **Dr. José Maria de Moura Machado** se referirá ao assunto, com a autoridade que todos lhe reconhecem e com o desenvolvimento que o acontecimento merece.

O NOSSO APELO

para 3 NECESSITADOS

Continuamos a receber alguns donativos para as pessoas a favor de quem lançamos um apelo nestas colunas, mas aguardamos que outros leitores nos deem a sua colaboração no sentido de algo se valer às pessoas que carecem, no momento, do valioso auxílio dos benfeitores.

diam umas 130 pessoas, entre alunos, professores e pessoal.

O amplo edifício pertence à família Leite de Castro, que o habitou durante longos anos e que ainda possuía as suas adegas nos baixos da parte que ficou destruída.

Os prejuízos são grandes, de algumas centenas de contos.

Supõe-se que qualquer curto circuito tivesse dado causa ao incêndio, e que este tivesse começado muito antes da hora a que se deu por isso.

* * *

O Mosteiro da Costa considerado Monumento de interesse público, foi habitado de 1528 até 1854 pelos Monjes de S. Jerônimo. A instalação religiosa de Santa Marinha da Costa foi criada em 1139 pela Rainha Dona Mafalda, mulher de Afonso Henriques, para os Cônegos Regulares de Santo Agostinho.

Damos a seguir curiosa nota descritiva da parte que o fogo destruiu:

«Temos depois a galeria das celas, onde os azulejos de todo o Mosteiro fixam a sua data — 1747 — e onde se encontram as obras primas de composição, desenho e formagem, de Policarpo de Oliveira Bernardes para os hieronimitas. Sob a abóbada de berço entalhada, são dezenas de *panneaux* que se desenrolam, numa extensão não inferior a 50 metros e em que se reproduzem banquetes, pastoriais, caçadas ao elefante e ao javardo, merendas, combates, jogos, concertos, costumes de pesca e a decorativa figuração do teatro clássico.

E' uma enorme galeria de costumes portugueses do Século XVIII envolvida em longas e formosas *cartouches*.

Ao fim, a já célebre «Varanda de Frei Jerônimo», airoso salão ao ar livre, com seu ruidoso tanque monumental, seus escabelos de espaldar azulejado, grande teto de madeira —; na qual o aljofre de água é écloga cristalina, com quente aroma de cravos e vozes místicas, reminiscências, alando-se como pombas!»...

Os trabalhos do rescaldo prolongaram-se durante quase todo o dia de ontem.

NOVO CINEMA DE SANTO TIRSO

Recebem-se propostas para a execução da obra de pedreiro ou para total da construção.

Fornece elementos: **Virgílio C. Carneiro Guimarães** — **SANTO TIRSO.**

515

Sul de Angola

Alguns aspectos do Distrito de Kulla há mais de trinta anos

Ao Ex.^{mo} Sr. Dr. Eduardo de Almeida, homenagem muito grata.

As primeiras actividades de uma povoação nascente foram as comerciais.

Depois surgiram as de construção civil, primeiramente exercidas por soldados com essas habilitações, aqui e acolá algum condenado melhor comportado, que era mandado para essas regiões exercer a sua profissão.

A seguir, vieram os transportes motorizados, que trouxeram, consigo, uma série de artifices especializados, que montaram oficinas de reparação e lá se fixaram.

Com a construção de novos edifícios, mais civilizados e com um conforto desconhecido dos primeiros ocupantes, foi necessário mobilá-los; ajuntá-los e dar-lhes o preciso para lá se poder viver com comodidade.

E nasceram as carpintarias, marcenarias, serralharias e outras oficinas indispensáveis, pois seria muito dispendioso transportar mobiliário de, pelo menos, 400 quilómetros de distância, em transporte automóvel, quando se podia obter na região.

Depois, até no Forte Roçadas se montou uma olaria e uma fábrica de cerâmica, que fornece não só esta região de tijolos, telhas, etc., como de louça grosseira, mas indispensável num lar, como exporta para toda a Colónia.

Esta, parece-me, foi a primeira indústria daquelas terras, não contando a do fabrico de telha, na NGiva, iniciada em 1921.

* * *

Todas as povoações que existiam, então e poucas eram, estavam ligadas por estradas, onde transitavam, já, os automóveis, isto desde que as primeiras tropas penetraram no Cuanhama.

Mas essas estradas não passavam de picadas, onde o arvoredo era mais denso, ou do aproveitamento, contínuo, do rasto dos primeiros automóveis.

Outras, ainda, aproveitavam os caminhos dos carros boers, que melhoravam, alisavam as rodeiras de tão pesados veículos.

Foi mesmo sobre esses traçados que primitivamente circularam os automóveis, mas, para que os carros boers não danificassem essas improvisadas estradas, teve o então Governador Geral, General Norton de Matos, de estabelecimentos e abandono de riquezas, indo, numa fuga desesperada, morrer octogenário numa estação do caminho de ferro.

Como o acontecido com o ídolo russo — que era nem

lecer uma multa de 100\$00, que era avultadíssima para a ocasião, para qualquer veículo de tracção animal que fosse encontrado a transitar por elas.

Creio que presentemente tal multa subsiste, pois na sua maioria essas estradas não passam de terraplanagens, o que é suficiente em terrenos duros, mas modificados nos lamacentos, como sejam os da região do Quiita.

Aqui, nesta região, e em grande extensão, os terrenos são argilosos e na época das chuvas se transformam em verdadeiros atoleiros, de onde é difícil tirar um carro boer, mesmo que se lhe apliquem duas ou três espanas (espana é uma série de juntas de bois atrelados a um carro boer e que regula, em média, por 10).

Foi por essa razão que, em 1916, me levou 3 meses a chegar ao Cuanhama, por ter ficado retido nessa região, durante dias, em que não andávamos mais de 500 metros.

Ao princípio procurou-se remediar este mal com a aplicação de troncos de árvores atravessados na estrada, mas este processo foi posto de parte por não satisfazer a um serviço permanente.

Tentou-se, também, sobrelevar o leito da estrada e cobri-lo de cascalho, porém este ia-se afundando no leito da lama movediça, constituindo rodeiras de impossível passagem.

Procurou-se, ainda, um desvio por terras menos alagadiças, mas nada sei a esse respeito porque só se fez a tentativa na ocasião em que saí de lá.

Porém, é provável que, além desse desvio, que se andava a estudar, se tivesse chegado a uma solução para o pavimento da estrada nessa região.

E no tempo seco, como não existia esse inconveniente, o trânsito fazia-se por qualquer parte, especialmente em todo o Cuanhama, em que se podia escolher o caminho mais conveniente, dada a planura de todo aquele território.

Continua.

A. DE QUADROS FLORES.

Joaquim Mendes,

que esteve ausente nas colónias portuguesas durante quatro anos, informa os seus numerosos amigos e as ex.^{mas} pessoas desta nobre cidade, sua terra natal, de que abriu na Rua de Santa Maria n.º 68, uma oficina de marcenaria, onde se fazem reparações de mobílias, todos os concertos, limpeza de móveis e tudo o que diga respeito ao mesmo género, deslocando-se para casa de qualquer cliente, que assim o deseje, para o mesmo fim. 307

mais nem menos que o filósofo Conde Leo Tolstoi — deve interessar aos amantes de coisas curiosas e estranhas, vou relatá-lo em parentesis:

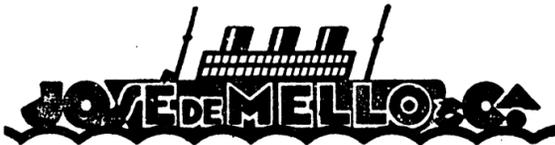
Quando em 1901, Caldeira andava na Rússia, em viagem de concertos, mandou de Nijru-Novgoord ao amigo Antão Lencastre, um ilucidativo e interessante bilhete postal ilustrado, de oportuna política social e religiosa para o tempo, em que lhe dizia que a figura nele estampada era a cópia do último retrato de Tolstoi, feito pelo célebre pintor russo Riepin.

O muito conhecido filósofo, político, escritor erudito e romancista, sociólogo de ideias avançadas correspondente do igualmente célebre e também já falecido Gandy, de cuja convivência espistolar há, de ambos, algumas cartas publicadas, excomungado pelo Si-

Calçado Superius
O MELHOR CALÇADO PARA CRIANÇAS
UM EXCLUSIVO da **Sapataria Vimaranesense**
78, Rua da Rainha, 80 — Telef., 40145 — GUIMARÃES

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.

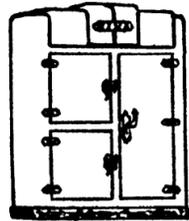


Casa fundada em 1882

ESCRITÓRIOS: Rua Nova de Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazém de Retem e Depósitos (Área coberta: 3.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS:

R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903 Telefones: 21073 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57



"ALASCA"

O frigorífico ideal para todos os fins

REPRESENTANTE

H. DE SOUSA — R. do Girassol — M. do Ilhéu — PORTO AGENTE EM GUIMARÃES:

310

A. BOURBON DO AMARAL



O CALÇADO IDEAL PARA CRIANÇAS

ANDA MUITO BRINCA MUITO DURA MUITO...

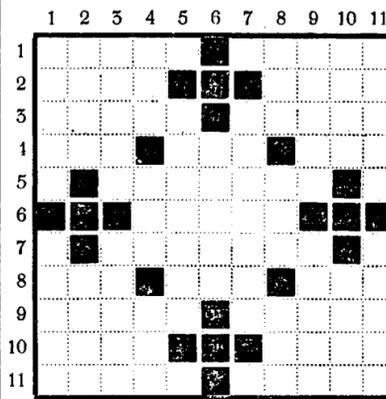
198

Peça-o no seu fornecedor habitual

PALAVRAS CRUZADAS

Por ODICALP

PROBLEMA N.º 4



Horizontais: 1) Antiga máquina de guerra; variedade de chá. 2) Magistrado romano; além disso. 3) Esforçar-se; construção subterrânea para condução de água. 4) Al, numa só dição; nome próprio; jeito. 5) Audição. 6) Emendar. 7) Quartos de dormir. 8) Bago; época; gemidos. 9) Números cardinais; enxada. 10) Comestível bordo. 11) Converter em soro; espécie de choupo.

Verticais: 1) Delicado; fulano. 2) Conhecimento; bétula. 3) Demasiado; pequena embarcação indiana. 4) Feminino de ele; cotia; panela. 5) Diz-se dos meles levados ao ponto de açúcar. 6) Transformar. 7) Tornaras côncavas. 8) Espécie de capa; lugar dos sacrifícios; nome de uma árvore, cuja casca aromatiza o vinho. 9) Árvore de S. Tomé; mata-gal. 10) Tratamento que se dá a pessoas de certa idade; da mesma forma. 11) Ursos; planta vivaz e medicinal.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 3

Horizontais: 1) Pró; rum; sem. 2) Auto; pero. 3) Saibo; parra. 4) Oca; opa. 5) Ale. 6) Ah; atais; se. 7) Ais. 8) Oca; oco. 9) Bloco; ubere. 10) Belo; alar. 11) Boa; pua; ola.

Verticais: 1) Pós; xal; BBB. 2) Ruão; óleo. 3) Ótico; acól. 4) Oba; aço. 5) Ata. 6) Ut; Plaio; tu. 7) Eis. 8) Pão; oba. 9) Serpa; ocelo. 10) Erra; oval. 11) Moa; tez; era.

PIC-NIC

BRANCO OU TINTO

Bebê-lo uma vez é preferi-lo sempre.

292

Ofertas e Procura

Casa nova Aluga-se na R. de Francisco Agra n.º 135. Falar no n.º 139 da mesma Rua. 294

Prédios VENDEM-SE na Rua da Liberdade com os n.ºs 54 e 56. Informa-se no Largo 28 de Maio n.º 113 — Guimarães. 300

Passa-se uma adega para venda de vinhos de pipa e engarrafados e outros derivados. Bom local, instalações modernas; bom preço. Falar na redacção deste jornal. Pretendendo um andar do mesmo prédio, é assunto a combinar. 299

RÁDIO «SIEMENS» GRANDE

De fabrico alemão, podendo adaptar-se piqué de discos, em estado de novo. Falar nesta redacção. 270

Empregado de Escritório Oferece-se para ajudante. Resposta na Redacção. 215

VENDE-SE

Cerca de 10.000 telhas Marselha e 400 cumes, usados, a serem entregues em Agosto próximo. Ver e tratar na **Fábrica do Moínho do Buraco**, em Pevidém. Telf., 4660. 305

SÉCULO XX

Uma das mais belas criações da indústria de calçado. Modelos de calçado para senhora que são um verdadeiro foco de luz e de progresso.

SÉCULO XX

é um rigoroso exclusivo da **Sapataria LUSO** 153

O barítono português Inocêncio Caldeira

Criado na ortodoxia grega foi sempre constante observador dos seus ritos e crenças, até que — diz ele — tendo concebido dúvidas sobre certas verdades que lhe impunham, resolveu aos 60 anos de idade, pondo de banda a Ciência e a Filosofia e na ânsia de bem situar a sua consciência com os deveres religiosos, ir confrontá-las com os textos originais em hebraico e grego, línguas que bem conhecia. (Diz algures Michelet que os hebreus bebem na nascente, os gregos na corrente e os latinos no charco).

Dá resultado a sua interpretação dos evangelhos, que procurou praticar à risca, o que originou conflitos fami-

nodo russo, sob a acusação de ter abandonado a sua ortodoxia, autor de muitos livros de reputação, tais como dentre outros: *Cosacos*, (vida do Cáucaso), a monumental *Guerra e Paz*, (invasão napoleónica), *Ana Karenina*, (sociedade russa de 1870), *Resurreição*, (estudo social, de realismo destemido, que lhe causou a sentença do Linodo), o pai de 15 filhos legítimos — um dos quais a Condessa de Tolstoi, falecida há meses em Roma, para onde se tinha exilado — não podendo os biógrafos apurar ao certo, quantos ilegítimos tivera, o muito conhecido Conde de Tolstoi, da melhor nobreza russa, estava de facto pintado a cores no postal, de pé, cabeça descoberta, com a sua habitual comprida barba branca, blusa branca de mugique até aos joelhos, calças muito escuras e descalço sobre o

chão. O caso da excomunhão de Tolstoi teve grande repercussão, não só por ter atingido a personalidade de um dos mais destacados intelectuais da Igreja grega e de muita popularidade, mas também porque se teriam evitado os factos calamitosos e cruentos de irremediáveis males que se deram e que profectivamente Tolstoi havia previsto e denunciado perante os poderes públicos, se estes tivessem compulsado, como lhes competia, a evolução da marcha da vida política — social do país, e houvessem considerado a vigorosa pena do escritor, que ecoava como clarim, clamando sempre justiça para todos. E foi por isto, conforme afirmam os seus partidários, que o célebre Riepin pintara Tolstoi descalço, em sinal de protesto das classes populares, pela cominação que lhe

fora imposta pelo Linodo. Fechando o parentesis sobre o sociólogo, voltemos a falar do cantor português. Todos os jornais do Porto de então, relatando o recital, foram unânimes nos louvores a Caldeira. Um deles rematava a notícia deste modo: O festejadíssimo barítono Inocêncio Caldeira, possuindo uma magnífica voz, cuja sonoridade é gratíssima ao ouvido, realiza-a, emita-a com arte, com aprimorado método, e, assim, ouvi-lo, é ter a certeza absoluta de que se está em presença dum artista distinguido, bisando a pleno contentamento, a linda *Serenata*, de Miguel Angelo, a *Fiandeira* de Neuparth e *La gloire de Dieu dans la nature* de Beethoven.

Um outro terminava a notícia dizendo que Caldeira, com a sua voz de um recamo ex-

cepcional interpretara com iniludível colorido o maior de todos os músicos Beethoven e outras sumidades gloriosas do grande mundo da Arte. Escuso-me de mais transcrições, porque os demais periódicos seguiam no mesmo diapasão de elogios. Uma verdadeira apoteose na sua terra natal, o recital, mas que infelizmente, só perdurou em sua vida por 9 anos, pois que, decorrido este novénio, o amigo e companheiro da mocidade desaparecia do mundo dos vivos em 1921, em Paris, onde, durante a 1.ª grande guerra, prestou serviço na Cruz Vermelha, em que se alistara, como voluntário.

ABEL MAGRO.

PAPEL VELHO COMPRA aos melhores preços a Cartonagem «Perfeita» — Rua Capitão Alfredo Guimarães. Telefone, 40195. 31